

Mediunidade de incorporação



Paulo Neto

Mediunidade de incorporação

(Versão 3)

"Mas é incontestável que todos os dias descobrimos fatos que nos obrigam a modificar nossas velhas opiniões, e até mesmo a ter uma visão oposta das ideias reinantes." (GABRIEL DELANNE)

Paulo Neto

Copyright 2025 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

Montagem da capa editada por Elkeane Aragão
@Elkefiz, usando ilustrações geradas por IA em
Microsoft Copilot.

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: <https://paulosnetos.net>

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, novembro/2025.

Sumário

Prefácio.....	4
Introdução.....	7
O que geralmente se pensa sobre o assunto.....	29
E na Codificação o que podemos encontrar?.....	33
O que dizem alguns autores consagrados?.....	47
Conclusão.....	86
Referências bibliográficas.....	89
Dados biográficos do autor.....	93

Prefácio

Começamos com todo respeito citando a grande obra elaborada por Allan Kardec, o Baluarte do Espiritismo: *O Livro dos Médiuns*!

É importante esclarecer que a mediunidade sempre existiu. Ela se manifesta em todas as religiões, em todos os segmentos e em todas as épocas.

O perispírito, sendo o molde do corpo físico, é o grande responsável pela influência das manifestações.

A possessão foi admitida por Allan Kardec diante dos fatos, e ele nunca fechou questões, ensinou-nos, com responsabilidade, que o Espiritismo estará sempre aberto a novas pesquisas e observações científicas de análise e testes.

O Livro dos médiuns é o manual que explica os fundamentos característicos da mediunidade séria e autêntica, mas também alerta sobre a mediunidade malfazeja e enganosa.

Antes do Espiritismo, a mediunidade era vista como algo inexplicável, um fenômeno espiritual considerado sobrenatural. Muitas vezes era praticada por meio de rituais, cenários misteriosos e até macabros. Com o advento do Espiritismo, a

mediunidade passou a ser tratada com seriedade e responsabilidade. Foi assim que surgiu, primeiro, *O Livro dos Espíritos* (1858), seguido por *O Livro dos Médiuns* (1861), obras que marcaram um divisor de águas na história da humanidade. Espíritos instruídos vieram nos trazer parte da sabedoria Espiritual, respeitando nossos limites evolutivos.

Sábio foi Moisés ao proibir contato com os mortos em uma época em que não era possível compreender a importância real da mediunidade. Seu valor essencial é comprovar que a vida continua e que o Espírito sobrevive à morte do corpo físico.

Houve épocas em que mediunidade foi tratada como brincadeira, em que Espíritos zombeteiros faziam verdadeiros espetáculos, atendendo a desejos materiais. Infelizmente estas práticas ainda existem atualmente.

Com *O Livro dos médiuns*, aprendemos a respeitar a mediunidade e a compreender que, quanto mais o ambiente for de seriedade, com pessoas esclarecidas e responsáveis, maior será a capacidade de auxílio.

Espíritos zombeteiros e malfazejos gostam de ambientes viciosos e místicos. Quando um Espírito assim se aproxima de uma reunião mediúnica séria, muitas vezes pode ser esclarecido a seguir um caminho melhor para si. Caso contrário, buscará lugares onde encontra afinidade com as energias presentes.

A mediunidade ainda é um campo a ser explorado. Assim como a humanidade avança, novas pesquisas científicas trarão resoluções para melhores interpretações sobre os fatos mediúnicos.

Shirley de Siqueira
Poços de Caldas (MG), em 06 janeiro 2026

Introdução

Inicialmente, pedimos encarecidamente ao caro leitor que, antes de concluir que enveredamos pelo caminho antidoutrinário, leve em consideração os argumentos que apresentaremos ao longo desta pesquisa em favor da realidade da mediunidade de incorporação.

Ao consultar as obras da Codificação Espírita publicadas por Allan Kardec (1804-1869), constatar-se-á que ele jamais a mencionou. Utilizava-se da expressão “mediunidade falante” ou do termo “psicofonia”; contudo, acreditamos que nelas há elementos que a sustentam. Infelizmente, esses ainda permanecem desconhecidos por grande parte dos espíritas.

Já nos deparamos, inclusive, com alguns confrades que, amparados pelas ideias defendidas pelos administradores da instituição espírita que frequentam, nos “condenarem” por sustentarmos

esse tipo de pensamento, considerando-o algo “fora da curva” e, portanto, antidoutrinário.

No meio espírita, corre a ideia de que a mediunidade seria uma faculdade que tem origem na mente. Em razão disso, muitas vezes se considera que todas as comunicações dos Espíritos estariam fundamentadas no “*mente a mente*”, tomado como pano de fundo.

Esse é justamente o tema que, dada a sua complexidade, abordamos com maior profundidade no ebook

Mediunidade: a base é o médium “receber e transmitir”? ⁽¹⁾.



Entretanto, de tudo quanto se lê na Codificação, o que se evidencia é que o perispírito exerce essa função: “o perispírito é o princípio de todas as manifestações” ⁽²⁾.

Nesta fala do **Espírito Lamennais**, registrada em **O Livro dos Médiuns**, encontramos uma explicação mais detalhada:

[...] **O perispírito**, para nós outros Espíritos errantes, **é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma**. Daí, a infinita variedade de médiuns e de comunicações. ⁽³⁾ (Nas transcrições e no texto normal, todos os grifos em negrito são nossos; quando não forem, avisaremos.)

A nosso ver, surgem três aspectos distintos pelos quais ocorre o fenômeno da manifestação espiritual, cujo mecanismo tem no perispírito sua base fundamental:

1º) **Pelo corpo**: trata-se da incorporação completa. Ao se emancipar do corpo, o Espírito do médium permite que o manifestante se acople a ele, passando a utilizá-lo conforme sua necessidade.

2º) **Pelo perispírito**: possivelmente pela incorporação parcial de algum membro do corpo – “quando o Espírito atua diretamente sobre a mão do médium” ⁽⁴⁾, escrevendo através desse processo, ou quando “atua sobre os órgãos da palavra” ⁽⁵⁾ e verbaliza seu pensamento.

3º) **Pela alma (ou Espírito)**: somente aqui teríamos o denominado “*mente a mente*”. O Espírito comunicante transmite seu pensamento ao médium, que o capta e o reproduz, seja por escrito ou oralmente. No fundo, trata-se de uma autêntica forma de telepatia.

A frase em epígrafe (6), de autoria de Gabriel Delanne (1857-1926), destacado pesquisador espírita, expressa exatamente o que vivenciamos: após descobrirmos novos fatos, passamos a ver com “outros olhos” algo que, na verdade, nem é difícil de perceber – desde que estejamos dispostos a abdicar de certezas anteriores e abrir a mente para novas possibilidades, mantendo-nos firmes na coerência Doutrinária.

Por oportuno, apresentamos nosso entendimento sobre os termos “possessão” e “incorporação”, que serão tratados no presente artigo:

POSSESSÃO: ação de um Espírito sobre um encarnado que resulta na posse física do corpo. O desencarnado, ao “entrar” do corpo físico do

encarnado, assume o comando desse.

INCORPORAÇÃO: termo mais popular, pelo qual se acredita que o Espírito manifestante incorpora no corpo do médium, ou seja, “entra” nele para agir durante sua manifestação.

Na prática, em ambos os fenômenos encontramos um Espírito desencarnado – que, em alguns casos, pode até ser o de uma pessoa viva – apossando-se do corpo do médium para se comunicar.

Comumente se usa o termo incorporação para designar a possibilidade de um Espírito entrar no corpo de um médium e transmitir o seu pensamento. É mais empregado entre os umbandistas para indicar a fase do transe mediúnico, na qual o Espírito comunicante literalmente incorpora-se no medianeiro, ou seja, “entra” no seu corpo. No movimento espírita, tem-se evitado empregar esse termo, embora, como veremos mais adiante, alguns Espíritos e espíritas o utilizam.

O *Dicionário Aurélio* define o vocábulo “incorporação” como: “*Tomada do corpo do médium*

por um guia ou espírito; descida, transe mediúnico.”

Para melhor entendimento, reproduziremos a explicação constante no *Vocabulário Espírita*, disponível no site **[O Consolador](#)**:

INCORPORAÇÃO: Incorporação [do latim *incorporatione*] – 1. Ato ou efeito de incorporar(-se). 2. O termo incorporação tem sido aplicado inadequadamente à mediunidade psicofônica, pois não tem como dois espíritos ocuparem o mesmo corpo. No entanto, alguns teóricos espíritas afirmam que a incorporação se dá quando o Espírito, ainda que sob o controle do médium, tem a liberdade de movimentar por completo o corpo do mesmo, o que seria também chamado de **psicopraxia**. Ver: **Psicofonia**.

Ato em que o espírito desencarnado “entra” no corpo do médium para uma interação com os demais encarnados. O espírito do médium cede lugar momentaneamente para o espírito animador. Este sempre permanece no aparelho por algum tempo, sendo totalmente impossível uma incorporação mais duradoura. O espírito que incorpora em um corpo pode doar ou sugar energias do corpo que lhe acolhe, dependendo do grau de adiantamento do espírito em questão. O

espírito do médium permanece ligado a seu corpo pelo “cordão-de-prata”. A incorporação é um dos mais interessantes e praticados fenômenos espíritas. Suas possibilidades são muitíssimo vastas, não só do ponto de vista da comunicação efetiva com o espírito como sua interação com o meio físico mais propriamente. Verifica-se, em muitos casos, um grande desgaste por parte do espírito logo após a desincorporação, possivelmente devido a grande troca energética que se verifica entre o espírito, o médium e o meio. [...]. (7)
(grifo do original)

E complementando, trazemos da apostila **COEM - Centro de Orientação e Educação Mediúnica**, publicada pelo Centro Espírita Luz Eterna de Curitiba (PR), a seguinte explicação:

INCORPORAÇÃO MEDIÚNICA

É a forma de mediunidade que se caracteriza pela transmissão falada das mensagens dos Espíritos, é, em nossos dias, a faculdade mais encontrada na prática mediúnica. É uma das mais úteis, pois, além de oferecer a oportunidade de diálogo com os Espíritos comunicantes, ainda permite a orientação e consolação dos Espíritos pouco esclarecidos sobre as verdades espirituais.

O papel do médium, seja ele consciente ou não, é sempre passivo, visto que servindo de intérprete nesse intercâmbio, deve compreender o pensamento do Espírito comunicante e transmiti-lo sem alteração, o que é tanto mais difícil, quanto menos treinado estiver.

A incorporação é também denominada psicofonia, preferindo alguns esta segunda denominação porque acham que **incorporação poderia dar ideia do Espírito comunicante penetrando o corpo do médium, fato que sabemos não ocorrer.** ⁽⁸⁾

É certo que esse tema ainda suscita muitas dúvidas. Embora não tenhamos realizado um levantamento quantitativo, é provável que a maioria dos estudiosos do Espiritismo – conforme relatos de diversos deles – não aceite tal possibilidade.

A razão disso encontra-se em *O Livro dos Espíritos*, questão 473: “*O Espírito não entra num corpo como tu entras numa casa. [...] Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado*” ⁽⁹⁾.

E, na questão 474, em seu comentário, Allan Kardec afirma: “*Dois Espíritos não podem habitar*

simultaneamente o mesmo corpo, não há possessão segundo a ideia comumente associada a esta palavra” (10).

Esse pensamento é corroborado em *O Livro dos Médiuns*, capítulo “XXIII – Da obsessão”, onde o Codificador reforça: *“implica igualmente a ideia do ‘apoderamento’ de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação [...] para nós, não há possesos, no sentido vulgar do termo”* (11). Mais à frente citaremos esse trecho de forma ampliada.

Entretanto, como o próprio Allan Kardec afirma que *“os fatos são mais concludentes do que as teorias, e são eles, em definitivo, que confirmam ou destroem estas últimas”* (12), coerentemente ele



passou a admitir a possibilidade da possessão a partir dos casos dos possesos de Morzine e da Srta. Julie, ambos registrados na *Revista Espírita* e citados no nosso ebook ***Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*** (13).

Como não nos cabe aqui desenvolver esse pormenor, recomendamos sua leitura como complemento do presente ebook. Dele retiramos o seguinte quadro:

Codificação Espírita Evolução do conceito sobre a posse física do encarnado	
1ª fase: os espíritos a negaram Obsessão 1) abr/1857: LE, 1ª ed., q. 199 Subjugação 2) mar/1860: LE, 2ª ed., q. 473 e 474 Fascinação 3) jan/1861: LM, cap. XXIII, item 241	Allan Kardec a) jun/1858: IPME, Vocabulário b) set/1862: OQéoE: (3ª ed.), item 43 (= item 73 da 6ª ed. de jul/1865)
2ª fase: os fatos a comprovaram Possessão 4) nov-dez/1862: RE (Morzine) 5) dez/1863-jan/1864: RE (Srta. Julie) ESE, cap. X, item 6 6) abr/1864: ESE, cap. XXVIII, item 81 RE RLFE 7) fev/1865: RE (Morzine e Tananarive) 8) jun/1865: OQéoE, item 30 9) ago/1867: RE (Dr. Claudius) 10) out/1867: RE (Os adeuses)	3ª fase: registro da nova posição 11) jan/1868: GN, cap. XIV, itens 47 a 49 4ª fase: aplicação 12) fev/1869: RE (Médium Sr. Morin)

Paulo Neto

Nesse quadro que elaboramos, nossa intenção é demonstrar como a Doutrina Espírita evoluiu do ceticismo inicial à aceitação da possibilidade de posse física, sempre guiada pela observação dos fatos e pela coerência doutrinária.

Entretanto, é oportuno destacar que o Codificador registrou sua nova posição em **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, do qual transcrevemos estes trechos de dois de seus tópicos:

1º - Manifestações físicas. Mediunidade

41. É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; é ainda por intermédio desse mesmo fluido que ele se manifesta; ao atuar sobre a matéria inerte, produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente, se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que **o Espírito** faz que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. **Como já não dispõem de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, fazendo que atue como se fora seu próprio corpo,** mediante o eflúvio fluídico que derrama sobre ele. ⁽¹⁴⁾

2º) Obsessões e possessões

47. **Na obsessão, o Espírito atua exteriormente**, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este enlaçado por uma espécie de teia e constrangido a agir contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. Por conseguinte, **a possessão é sempre temporária e intermitente**, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, considerando-se que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, item 18.)

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fora seu próprio corpo; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, age com seus braços, como o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão, é o desencarnado que fala e atua, de modo que, quem o haja conhecido em vida, reconhecerá sua

linguagem, sua voz, os gestos e até a expressão da fisionomia. ⁽¹⁵⁾

Portanto, temos aí, como princípio doutrinário, que há, sim, possessão – apesar de alguns confrades, muito estranhamente, afirmarem que *A Gênese* não faz parte da Codificação. É surpreendente até onde certas pessoas chegam para não abdicar de suas ideias...

No item 48 ⁽¹⁶⁾, Allan Kardec esclarecerá que a possessão também poderá ocorrer por ação de um Espírito bom – aspecto importante para que não se confunda possessão com obsessão, já que essa última se dá exclusivamente pela influência de Espíritos maus.

E, por incrível que pareça a alguns, na Sociedade Espírita de Paris havia um médium de incorporação: o Sr. Morin. Esse fato pode ser confirmado em nosso artigo “*Sr. Morin, médium de incorporação na Sociedade Espírita de Paris*”, disponível em nosso site ⁽¹⁷⁾. Por oportuno, dele citamos o seguinte trecho:

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo **Espírito veio se manifestar** de novo, não pela escrita, mas **pela palavra, em se servindo do corpo do Sr. Morin**, em sonambulismo espontâneo. **Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque o médium tomou a sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade.** [...].

Encolerizado por essas perguntas reiteradas, às quais não respondia senão por estas palavras: “Efeitos bizarros dos sonhos,” ele acaba por dizer: “Vejo bem que me queríeis despertar; deixai-me.” Desde então ele acredita sempre sonhar.

Numa outra reunião, **um Espírito deu sobre este fenômeno** a comunicação seguinte:

Há aqui, uma substituição de pessoa, uma simulação. O Espírito encarnado recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inércia, quer dizer, a contemplação daquilo que se passa. Ele **está na posição de um homem que empresta momentaneamente a sua habitação**, e que assiste às diferentes cenas que se realizam com a ajuda de seus móveis. Se gosta mais de gozar da sua liberdade, ele o pode, a menos que não haja para ele utilidade em permanecer espectador.

Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreender a possibilidade deste fenômeno, então que sabeis que o Espírito pode se retirar com o seu perispírito mais ou

menos longe de seu envoltório corpóreo. Quando esse fato ocorre sem que nenhum Espírito disto se aproveite para ocupar o lugar, há a catalepsia. **Quando um Espírito deseja para ali se colocar para agir, toma um instante a sua parte da encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse contato e restitui o movimento à máquina;** mas os movimentos, a voz não são mais os mesmos, porque os fluidos perispirituais não afetam mais o sistema nervoso do mesmo modo que o verdadeiro ocupante.

Essa ocupação jamais pode ser definitiva; seria preciso, para isto, a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela **não pode mesmo ser de longa duração,** pela razão de que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a sua formação, não tem nele raízes, não estando modelado sobre esse corpo, não está apropriado ao desempenho dos órgãos; **o Espírito intruso** não está numa posição normal; ele é embaraçado em seus movimentos, e é porque deixa **essa veste emprestada** desde que dela não tenha mais necessidade. ⁽¹⁸⁾

Após Allan Kardec descrever o ocorrido com o Sr. Morin – semelhante ao que já havia afirmado sobre manifestações anteriores –, temos essa mensagem de um Espírito não identificado, que

oferece explicação para o fenômeno de incorporação.

De forma simples e resumida, podemos dizer que o Espírito do médium, em estado sonambúlico, afastou-se do seu corpo, permitindo ao comunicante apossar-se dele ou, numa linguagem mais direta, “entrar nele”, para utilizá-lo com a finalidade de transmitir sua mensagem ou estabelecer diálogo com os participantes da sessão.

Na resposta à questão 425 de **O Livro dos Espíritos**, é explicado que o sonambulismo...

“É um estado de independência da alma, mais completo que no sonho, estado em que as suas faculdades ficam mais desenvolvidas. A alma tem percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. **Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, não mais recebem as impressões exteriores.** Esse estado se manifesta principalmente durante o sono; é o momento em que **o Espírito pode abandonar provisoriamente o corpo**, por se encontrar este gozando do

repouso indispensável à matéria. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que **o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, entrega-se a uma ação qualquer que necessita do uso do seu corpo, do qual ele então se serve**, como se serve de uma mesa ou de outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo de vossa mão no caso das comunicações escritas. [...] **os sonâmbulos não se recordam do que se passou no estado sonambúlico [...].**" ⁽¹⁹⁾ (itálico do original)

Em *O Livro dos Médiuns*, capítulo "XIV – Médiuns", item 172, Allan Kardec embora informe que no sonambulismo "*são duas ordens de fenômenos*" ⁽²⁰⁾, propomos acrescentar uma terceira ordem, ampliando para três:

1ª) Emancipado, o Espírito do sonâmbulo reassume o corpo físico, que se encontra em estado letárgico e por ele se manifesta ⁽²¹⁾;

2ª) O sonâmbulo transmite o pensamento de algum Espírito que lhe assiste ⁽²²⁾;

3ª) O Espírito comunicante incorpora-se no corpo do médium e diretamente transmite seu

pensamento ⁽²³⁾).

Para nós a evidência da incorporação no caso do Sr. Morin é tão clara que causa estranheza a negativa de sua ocorrência por parte significativa de espíritas brasileiros.

Embora essa ideia esteja presente em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* ele a retificou posteriormente em *A Gênese*. Muitos espíritas que não se aprofundam no estudo doutrinário continuam a divulgar essa interpretação inicial, sem considerar a evolução do pensamento do Codificador. Por isso, vale a pena examinar o que é dito sobre o assunto em cada uma dessas obras.

Nega-se sobretudo quando somente se considera o que consta em ***O Livro dos Espíritos***, na resposta à questão 473:

473. *Um Espírito pode tomar momentaneamente o invólucro corpóreo de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e agir no lugar do Espírito que nele se encontra encarnado?*

“O Espírito não entra num corpo como entras numa casa. Identifica-se

com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, **a fim de agirem conjuntamente**. Mas é sempre o Espírito encarnado quem atua, conforme queira, sobre a matéria de que se acha revestido. **Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado**, pois este terá que permanecer ligado ao seu corpo até o termo fixado para sua existência material.” (24)

Um alerta, porém, se faz necessário àqueles que consideram as obras publicadas pelo Codificador como prontas e acabadas, sem admitir qualquer acréscimo ou desenvolvimento. Para tanto, transcrevemos, a seguinte fala esclarecedora de Allan Kardec constante na **Revista Espírita 1867**:

[...] Do fato de que **o estado de nossos conhecimentos** não nos permita deles dar ainda uma explicação concludente, isto não prejudicaria nada, porque **estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível**, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. **Muitas das descobertas serão o fruto de**

observações ulteriores. O Espiritismo **não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência** cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias.** Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. [...]. ⁽²⁵⁾

Ainda que essa advertência de Allan Kardec seja cristalina, boa parte dos espíritas não hesita em rejeitar qualquer ideia que não esteja expressamente contida nas obras da Codificação. Esquecem-se de que o próprio Codificador nos convidou a manter o espírito investigativo e aberto, reconhecendo que o Espiritismo é uma ciência em permanente construção.

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, capítulo “XXIII – Obsessão”, no item 241, lemos:

Dava-se antigamente o nome de possessão ao domínio exercido pelos Espíritos maus, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. **A possessão seria, para nós, sinônimo de subjugação.** Deixamos de adotar esse termo por dois motivos: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal, ao passo que não há seres, por mais imperfeitos que sejam, que não possam melhorar-se; segundo, **porque implica igualmente a ideia do “apoderamento” de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, quando, na verdade, só existe constrangimento.** A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo; há somente *obsidiados*, *subjugados* e *fascinados*. ⁽²⁶⁾ (itálico do original)

Nesse ponto, o Codificador reafirma a posição já exposta em *O Livro dos Espíritos*. No entanto, até então ele não havia se defrontado com os fatos – como os possessos de Morzine e o caso da Srta. Julie – que o levariam a rever esse entendimento. Com isso, Allan Kardec demonstra que o Espiritismo é progressivo em seus detalhes, acompanhando o avanço das pesquisas e a incorporação de novos

conceitos científicos.

Como visto, em *A Gênese* está registrada de forma clara e objetiva a nova interpretação de Allan Kardec sobre a possessão. Ainda que alguns leitores menos habituados ao corpo doutrinário do Espiritismo não a reconheçam como parte integrante e inseparável de seu arcabouço, trata-se de um posicionamento consolidado na fase final da Codificação.

O que geralmente se pensa sobre o assunto

Como exemplo do pensamento comum entre os espíritas sobre o tema, transcrevemos de postagem no site [**Portal do Espírito**](#):

Existe a incorporação de Espíritos?

No sentido semântico do termo **não existe incorporação**, pois nenhum Espírito conseguiria tomar o corpo de outra pessoa, assumindo o lugar da sua Alma. **O que ocorre é que o médium e o Espírito se comunicam de perispírito a perispírito, ou seja, mente a mente, dando a impressão de que o médium está incorporado.** Na mediunidade equilibrada, o médium tem um maior controle de sua faculdade e **o fenômeno mediúnico acontece mais a nível mental.** Nos processos obsessivos graves (doenças mórbidas causadas por Espíritos inferiores), onde a mediunidade está perturbada, podem ocorrer crises nervosas. Observadores de pouco conhecimento podem achar que um Espírito mau apoderou-se do corpo do enfermo. Foi esse fenômeno que deu origem às práticas de

exorcismo. (27)

É oportuno trazer ao nosso estudo duas outras opiniões que têm grande potencial de influenciar alguns confrades a manterem-se firmes na crença de que não há posse física.

A primeira delas encontra-se na obra **Desafios da Mediunidade** (2001), psicografada por José Raul Teixeira (28), na qual o Espírito Camilo responde à pergunta: “É correto falar-se em ‘incorporação’?”:



Não se trata bem da questão de certo ou errado. Trata-se de uma utilização tradicional, uma vez que **nenhum estudioso do Espiritismo, hoje em dia, irá supor que um desencarnado possa “penetrar” o corpo de um médium**, como se poderia admitir num passado não muito distante. [...]. (29)

Ao declarar que “nenhum estudioso do

Espiritismo” admite “que um desencarnado possa ‘penetrar’ o corpo de um médium”, Camilo reforça sua posição, sugerindo de forma clara que admitir a possessão é um erro de interpretação.



No **Programa**
Transição 001 (RedeTV!),
exibido em 12/10/2008,
Divaldo P. Franco (1927-2025)
(³⁰), ao tratar do tema
“Mediunidade”, comentou
uma cena do filme *Ghost: do
outro lado da vida*:

Gostaria de fazer um pequeno adendo. É que posteriormente, nas comunicações **tem-se a impressão que o desencarnado entrava no corpo da médium para poder comunicar-se. Essa informação não é verdadeira.** Embora o filme seja muito bem elaborado, ele foge um pouco à técnica do fenômeno da mediunidade. Os fenômenos mediúnicos ocorrem através do perispírito do médium. O perispírito do desencarnado ou corpo astral, como normalmente é denominado, ao acoplar-se ao corpo astral do médium ou perispírito, palavra cunhada por Allan

Kardec, transmite as suas emoções, as suas sensações e através do direcionamento psíquico comandando o chacra coronário e o chacra cerebral, a sede da consciência e a sede da superconsciência, transmite com naturalidade as informações. Foi um dos detalhes que, no filme, me chamou a atenção. **Dando a impressão que o espírito entra no médium, conforme o líquido no vasilhame, não é exatamente assim.** ⁽³¹⁾

Ao trazer essas duas opiniões, nosso objetivo é demonstrar que não se deve aceitar cegamente o que dizem os Espíritos ou espíritas, pois falam com base em seu próprio nível de conhecimento – o que não significa que estejam necessariamente corretos. É fundamental confrontar tais visões com o conjunto da Codificação e com a observação criteriosa dos fatos, lembrando que todos somos falíveis.

E na Codificação o que podemos encontrar?

Jayme Cerviño (1926-1975), médico e biólogo, desenvolveu uma série de pesquisas no campo da mediunidade ⁽³²⁾, em **Além do Inconsciente** (1968), capítulo “III – Transe mediúnico”, tópico “Os efeitos intelectuais”, explica-nos que:

[...] **O conceito vulgar de incorporação aplicado à psicofonia** decorre, portanto de razões puramente fisiológicas ou psicofisiológicas que, em última análise, dão à linguagem falada a categoria de comportamento global e, sem dúvida, mais especializado de conduta segmentar. Tudo se reduz em termos mediunológicos, à extensão do transe. Kardec, observador sagaz que todos devem reconhecer como pioneiro nesses estudos, independentemente das convicções filosófico-religiosas de cada um, **referiu-se a médiuns falantes, e cunhou o étimo psicofonia**, mas, **até aonde** (sic) **sabemos nunca usou a palavra “incorporação” para designar esse fenômeno.** ⁽³³⁾

Julgamos oportuno confirmar o que também havíamos constatado: a não utilização do termo “incorporação” por Allan Kardec.

Cumpre-nos esclarecer que os pontos que a seguir abordaremos constam do nosso ebook ***Mediunidade: a Base é o Médium “Receber e Transmitir”?*** ⁽³⁴⁾. Nesse ebook, já citado anteriormente, o tema é explorado de forma mais ampla; aqui apresentaremos apenas uma ideia geral.

Dentro de nosso entendimento, Allan Kardec não detalhou esses casos; contudo, em algumas situações, é possível perceber que há um campo aberto a essa possibilidade. Além do caso da possessão, que já analisado no capítulo anterior, podemos citar certos pontos abordados por ele, que contribuem para uma melhor compreensão do assunto.

Vejamos em ***O Livro dos Médiuns***, Primeira parte, capítulo “I – Há Espíritos?”, o seguinte trecho do item 5.

[...] Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional não admitirdes a

sobrevivência das afeições? Visto que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios que estejam à sua disposição? Quando vivo não atuava sobre a matéria do corpo? Não era ele que lhe dirigia os movimentos? **Por que razão não poderia a alma, após a morte, entrar em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, utilizar-se desse corpo vivo, para manifestar o seu pensamento,** como um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido? ⁽³⁵⁾

A utilização do corpo físico de um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado parece-nos ser, ainda que de modo não muito explícito, uma possibilidade tratada nesse trecho. Allan Kardec não aprofunda o tema, mas a analogia que utiliza sugere claramente que o corpo do médium pode servir como instrumento de manifestação de outro Espírito, tal como uma pessoa que fala empresta sua voz ao mudo que deseja se fazer compreender.

Em **O Livro dos Médiuns**, Primeira parte, capítulo “IV – Sistemas”, item 51, o Espírito

Lamennais apresenta três aspectos diferentes pelos quais ocorre o fenômeno da comunicação espiritual, cujo mecanismo teria no perispírito sua base fundamental: pelo corpo (incorporação completa), pelo perispírito (envolvimento parcial de algum membro do corpo) e pelo Espírito (comunicação “*mente a mente*”).

Ainda em **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, capítulo “XII – Pneumatografia ou escrita direta. Pneumatofonia”, item 146, o Codificador define:

*A pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da psicografia, por ser esta a **transmissão do pensamento do Espírito**, mediante a escrita feita com a mão do médium. (36) (Itálico do original)*

Ao destacar a particularidade da transmissão do pensamento do Espírito na psicografia, Allan Kardec sugere que, ao menos nesse tipo de manifestação, existe uma ligação mental entre o encarnado e o desencarnado. Esse ponto é frequentemente utilizado por estudiosos que

defendem que os fenômenos mediúnicos, em sua essência, se baseiam nesse tipo de conexão – uma comunicação de “*mente a mente*”.

Avançando em **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, destacamos estes dois trechos:

1º) Capítulo “XIII – Psicografia”, item 157, lemos:

Chamamos *psicografia indireta* à escrita assim obtida, em contraposição à *psicografia direta* ou *manual*, obtida pelo próprio médium. Para se compreender este último processo, é preciso levar em conta o que se passa na operação. **O Espírito comunicante atua sobre o médium que, debaixo dessa influência, move maquinamente o braço e a mão para escrever**, sem ter – pelo menos é o caso mais comum – a menor consciência do que escreve. A mão atua sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. [...]. ⁽³⁷⁾ (itálico do original)

2º) Capítulo “XV – Médiuns escreventes ou psicógrafos”, tópico “Médiuns mecânicos”, item 179, temos:

Quando o Espírito atua diretamente sobre a mão do médium, ele lhe dá uma impulsão completamente independente da vontade deste último. **Enquanto o Espírito**

tiver alguma coisa a dizer, a mão se move sem interrupção e à revelia do médium, parando somente quando o ditado termina.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que **o médium não tem a menor consciência do que escreve**. [...].
(³⁸)

Nota-se aqui uma diferença significativa em relação ao caso anterior: Allan Kardec não menciona a transmissão de pensamento, mas sim a atuação direta do Espírito, que impulsiona o médium a escrever.

Não estaria, portanto, configurada uma ação direta do Espírito comunicante sobre o braço do médium? Se assim for, o fenômeno não se enquadraria no conceito de “*mente a mente*” tal como geralmente entendido.

No capítulo “XIV – Médiuns” de ***O Livro dos Médiuns***, Segunda Parte, tópico “Médiuns falantes”, item 166, Allan Kardec descreve:

Os médiuns audientes, os que apenas transmitem o que ouvem, não são, a bem

dizer, **médiuns falantes**. Estes últimos, na maior parte das vezes, nada ouvem. **Neles o Espírito atua sobre os órgãos da palavra**, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Quando quer comunicar-se, **o Espírito se serve dos órgãos mais flexíveis que encontra no médium**. De um, utiliza a mão; de outro, a palavra; de um terceiro, os ouvidos. O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até mesmo, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente se lembra do que disse. Em suma, nele a palavra é um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma terceira pessoa pode comunicar-se, como o faz com o auxílio de um médium audiente. ⁽³⁹⁾ (itálico do original)

Ao caracterizar o médium falante, o Codificador destaca a atuação direta do Espírito sobre os órgãos da palavra, de modo semelhante ao que ocorre com os médiuns escreventes. Isso indica que a comunicação “*mente a mente*” não é a única base do fenômeno – embora, em última instância, seja sempre uma mente que o produz.

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, capítulo “XV – Médiuns escreventes ou psicógrafos”, tópico “Médiuns intuitivos”, do item 180, destacamos o seguinte trecho do primeiro parágrafo:

[...] A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, já que designamos por esse nome o Espírito encarnado. **O Espírito comunicante não atua sobre a mão** para fazê-la escrever; não a toma, nem a guia. **Atua sobre a alma, com a qual se identifica.** A alma do médium, sob esse impulso, dirige sua mão e a mão dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: **o Espírito comunicante não substitui a alma do médium**, visto que não poderia deslocá-la; domina-a, à revelia dela, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é inteiramente passivo; é ela quem recebe o pensamento do Espírito comunicante e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama *médium intuitivo*. ⁽⁴⁰⁾ (itálico do original)

No caso dos médiuns intuitivos, Allan Kardec explica que a ação do Espírito sobre a alma do

médium, caracteriza uma comunicação “*mente a mente*” como base do fenômeno. Contudo, fica evidente que esse não é o único mecanismo possível, mas apenas uma das formas de interação espiritual entre desencarnados e encarnados.

Vejamos a seguinte nota de Allan Kardec relativa aos médiuns pneumatógrafos, citados no item 189, do capítulo “XVI – Médiuns especiais”, Segunda parte de **O Livro dos Médiuns**:

Os Espíritos insistiram, contra a nossa opinião, em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que: “Os efeitos inteligentes são aqueles para cuja produção **o Espírito se serve dos materiais existentes no cérebro do médium**, o que não se dá na escrita direta. A ação do médium é aqui toda material, ao passo que no médium escrevente, **ainda que completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo.**”
(⁴¹)

Esse trecho sugere que, nos fenômenos de efeitos inteligentes, há sempre a utilização do cérebro do médium. Entretanto, isto não significa

que todos os casos se reduzam à ligação “*mente a mente*”.

Ao se analisar a mediunidade em termos gerais, a questão se torna mais complexa, como se vê na resposta à questão 6 do item 223, tópico “Influência do Espírito pessoal do médium”, no capítulo “XIX – O papel dos médiuns nas comunicações espíritas”, da Segunda parte de **○ Livro dos Médiuns**;

6. O Espírito comunicante transmite diretamente o seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito encarnado no médium?

“O Espírito do médium é o intérprete porque está ligado ao corpo que serve para falar, e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para transmitir uma notícia a grande distância, desde que haja, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e transmita.” ⁽⁴²⁾
(*itálico do original*)

Aqui, os Espíritos afirmam que o médium funciona como intérprete, estabelecendo uma

conexão necessária entre o comunicante e os encarnados. Essa explicação reforça a ideia de comunicação “*mente a mente*”, mas parece contrastar com a distinção anterior entre fenômenos de ordem física e de ordem inteligente.

Em **A Gênese**, capítulo “XIII – Características dos milagres”, tópico “O Espiritismo não faz milagres”, item 5, Allan Kardec afirma:

Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado. Como Espírito, faz o que fazia o homem, na medida de suas capacidades; apenas, por já não ter o corpo carnal para instrumento, **serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado**, que vem a ser o que se chama *médium*. Procede então como alguém que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, recorre a um intérprete. O secretário e o intérprete são os *médiuns* do encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito. ⁽⁴³⁾
(itálico do original)

Nas duas condições – quer como encarnado ou desencarnado – a atuação do Espírito sobre a matéria, no caso o corpo físico, abre espaço, segundo entendemos, para a possibilidade da incorporação, no sentido pleno do termo.

Ainda em **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, tópico “Manifestações físicas. Mediunidade”, item 41, o Codificador complementa:

É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; é ainda por intermédio desse mesmo fluido que ele se manifesta; ao atuar sobre a matéria inerte, produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. [...].

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que **o Espírito** faz que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. Como **já não dispõem de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, fazendo que atue como se fora seu próprio corpo, mediante o eflúvio fluídico que derrama sobre ele.**
(⁴⁴)

Esse complemento torna ainda mais clara a questão do uso do corpo físico do encarnado por um Espírito no processo de comunicação.

Nos rituais de algumas casas de Umbanda ⁽⁴⁵⁾, observa-se que um médium totalmente “tomado” por um Espírito chega, em alguns casos, a beber até um litro de cachaça (marafa), sem que isso lhe cause qualquer alteração perceptível. Após o término da manifestação, o médium retorna ao estado normal, como se nada tivesse bebido.

Será possível explicar tal fenômeno apenas pela ligação de “*mente a mente*”? Nossa hipótese é que, estando o Espírito desencarnado acoplado ao corpo físico do médium, ao se desligar leva consigo, impregnadas no seu perispírito, as energias resultantes da ingestão da bebida – o mesmo ocorrendo com o uso do fumo.

É importante recordar, por fim, que Allan Kardec não pôs um ponto final do que recebeu dos Espíritos, conforme ele próprio declarou. Portanto, se a experiência diária nos conduz a novas conclusões sobre determinados fenômenos, não estaremos o

contrariando, mas sim agindo em conformidade com sua orientação de que a observação e o estudo contínuo devem sempre ampliar a compreensão da mediunidade.

O que dizem alguns autores consagrados?

No tópico “9 – Da identificação das personalidades espíriticas” do capítulo “III – Criptestesia experimental” de *Tratado de Metapsíquica* (1922), o autor **Charles Richet** (1850–1935), médico e fisiologista francês, vencedor do Prêmio Nobel de Medicina em 1913, argumenta:

Estudando a escrita automática, fizemos alusão à hipótese admitida, **quase como um artigo de fé para todos os espíritas**, que existe a intervenção de uma personalidade humana desaparecida, **incorporação, isto é, um morto volta, e que sua inteligência anima o corpo do médium** (seja pela palavra ou pela escrita). [...]. ⁽⁴⁶⁾

O que Charles Richet diz acerca da crença dos espíritas na incorporação pode ser exagero, mas, ainda assim, resolvemos citá-lo, pois julgamos que retrata um momento histórico em que possibilidade

da incorporação se tornou algo comum entre os espíritas.

Em **O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)** (1886), Primeira Parte, capítulo “VII – O Espiritismo na Europa”, **Dr. Paul Gibier** (1851-1900), psicólogo e fisiologista francês, explica:

Existe também uma categoria de médiuns denominados **médiuns de incorporação**. Mas neste ponto precisamos mais que nunca apelar para a benevolência do leitor, lembrando-lhe que nos colocamos na posição de simples historiógrafo, expondo sem nada inventar. **Entramos, com efeito, em plena “possessão”, porque essas incorporações são o que a Idade Média designava por esse nome.** Toda a diferença consiste em que a possessão, em vez de ser feita por Belzebu e seus acólitos, o é pelos “Espíritos”, que têm a amabilidade de sair sem que seja necessário recorrer ao arsenal dos exorcismos e sortilégios.

Vimos alguns desses médiuns esperando a vinda do “Espírito”, como as pitonisas esperavam a do deus inspirador de seus oráculos. Após algum tempo, o médium sofre um movimento oscilatório como em torno de um eixo vertical; de repente, ele experimenta uma convulsão rude e ei-lo

transfigurado!

Vimos homens que falavam como mulheres e mulheres que falavam como homens. Assistimos a cenas desagradáveis e vimos outras ridículas; os que as representam seriam bem miseráveis se não fossem bem convictos. Serão eles dignos de lástima?... ⁽⁴⁷⁾ (itálico grifo em negrito no original)

Usando das próprias palavras de Paul Gibier temos aqui registro historiógrafo do uso da designação de médium de incorporação.

Gabriel Delanne, em ***O Fenômeno Espírita*** (1893), ao tratar da incorporação, afirma:

A mediunidade, pela pena, abrevia e simplifica as comunicações com os Espíritos; porém, há outro modo ainda mais expedito, por meio do qual **o Espírito se apodera dos órgãos do médium e conversa por sua boca, como o poderia fazer se ele próprio estivesse encarnado.** Os ingleses e norte-americanos dizem que, nesse caso, o médium está em *transe*. ⁽⁴⁸⁾ (itálico do original)

Gabriel Delanne, portanto, admite a

incorporação, especialmente ao descrever que “o *Espírito se apodera dos órgãos do médium*”.

Outro estudioso que se dedicou ao tema foi **Gustave Geley** (1868-1914), metapsiquista, fundador e primeiro diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris. Em ***Resumo da Doutrina Espírita*** (1897), ele escreve:

A incorporação é o fenômeno, segundo o qual o espírito toma posse do corpo do médium, e não apenas de um membro ou de um órgão. Nestes casos, não é só a palavra e a voz que fazem lembrar as do morto; reconhecem-se também os gestos característicos que acompanham o discurso, as atitudes e a expressão geral da fisionomia. No seu grau superior o fenômeno é também acompanhado de *transfiguração*. O corpo e o rosto do médium sofrem modificações momentâneas, *reais e não ilusórias*, que os fazem parecer-se muitíssimo aos do defunto incorporado naquele momento.

Este fenômeno, embora pouco frequente, parece ser dos mais impressionantes. ⁽⁴⁹⁾

Gustave Geley é categórico ao afirmar que a

incorporação é um fenômeno real, ainda que raro.

Continuando a nossa pesquisa, vejamos como Léon Denis (1846-1927), considerado o sucessor de Allan Kardec, aborda esse instigante assunto. Em **No Invisível** (1903), ele cita a opinião do pesquisador dos fenômenos psíquicos **Frederic Myers** (1843-1901), foi professor da Universidade de Cambridge um dos fundadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres:

“Afirmo que essa substituição de personalidade, ou incorporação de espírito, ou possessão, assinala verdadeiramente um progresso na evolução da nossa raça. Afirmo que existe um espírito no homem, e que é salutar e desejável que esse espírito, como se infere de tais fatos, seja capaz de se desprender parcial e temporariamente de seu organismo, o que lhe facultaria uma liberdade e visão mais extensas, ao mesmo tempo em que permitiria ao espírito de um desencarnado fazer uso desse organismo, deixado momentaneamente vago, para entrar em comunicação com os outros espíritos ainda encarnados na Terra. Julgo poder assegurar que muitos conhecimentos já se têm adquirido nesse domínio e que muitos outros

restam ainda a adquirir para o futuro.” (50)

A percepção de Frederic Myers é clara quanto à possibilidade de um Espírito desencarnado utilizar o corpo físico de um encarnado pela incorporação.

Vejamos, agora, o que o próprio **Léon Denis** fala a respeito disso no capítulo XIX, intitulado *Transe e incorporações*:

O estado de transe é esse grau de sono magnético que **permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal**, e à alma tornar a viver por um instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. Semelhante ao fio telefônico que assegura a transmissão entre dois pontos, esse laço fluídico permite à alma desprendida transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido. No transe, o médium fala, move-se, escreve automaticamente; desses atos, porém, nenhuma lembrança conserva ao despertar.

O estado de transe pode ser provocado, quer pela ação de um magnetizador, quer pela de um Espírito. Sob o influxo

magnético, os laços que unem os dois corpos se afrouxam. A alma, com seu corpo sutil, vai-se emancipando pouco a pouco; recobra o uso de seus poderes ocultos, comprimidos pela matéria. Quanto mais profundo é o sono, mais completo vem a ser o desprendimento. As radiações da psique aumentam e se dilatam; um estado diferente de consciência, faculdades novas se revelam. Um mundo de recordações e conhecimentos, sepultados nas profundezas do “eu”, se patenteia. O médium pode, sob o império de uma vontade superior, reconstituir-se numa de suas passadas existências, revivê-la em todas as suas particularidades, com as atitudes, a linguagem e os atributos que caracterizam essa existência. Entram ao mesmo tempo em ação os sentidos psíquicos. A visão e audição à distância se produzem tanto mais claras e fiéis quanto mais completa é a exteriorização da alma.

No corpo do médium, momentaneamente abandonado, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações. A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, pode tomar o lugar do médium e servir-se de seu organismo material, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as pessoas presentes. ⁽⁵¹⁾

O Espírito encarnado, dadas as circunstâncias apropriadas, pode se afastar do seu corpo, fenômeno esse conhecido como “emancipação de alma”. Esse fato é que possibilita ao desencarnado se apropriar temporariamente desse corpo para usá-lo em sua manifestação.

Continuando a análise da questão, ainda coloca Denis:

Indagam certos experimentadores: o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? ou opera ele antes, a distância, pela sugestão mental e pela transmissão de pensamento, como o pode fazer um espírito exteriorizado do sensitivo?

Um exame atento dos fatos nos leva a crer que **essas duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos**. As citações que acabamos de fazer provam que **a incorporação pode ser real e completa**. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda,

muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros entrarem em relação com Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição. É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal e sua estupefação atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. **Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito.**

Noutras circunstâncias, a teoria da transmissão à distância parece melhor explicar os fatos. As impressões oriundas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Ao lado de provas de identidade, que nenhuma hesitação permitem sobre a autenticidade do fenômeno e intervenção dos Espíritos, verificam-se, na linguagem do sensitivo em transe, expressões, construções de frases, um modo de pronunciar que lhe são habituais. **O Espírito parece projetar o pensamento no cérebro do médium,** onde adquire, de passagem, formas de linguagem familiares a este. A transmissão se efetua, em tal caso, no limite dos conhecimentos e aptidões do sensitivo, em termos vulgares ou escolhidos, conforme o

seu grau de instrução. Daí também certas incoerências que se devem atribuir à imperfeição do instrumento. ⁽⁵²⁾

Léon Denis reconhece que há duas possibilidades: a incorporação real e a completa, e a transmissão de pensamento à distância. Em alguns casos, Espíritos perturbados são conduzidos ao corpo de um médium para serem esclarecidos, o que caracteriza uma incorporação plena.

Noutras circunstâncias, o fenômeno se explica melhor pela sugestão mental, em que o Espírito projeta seu pensamento no cérebro do médium, o que caracterizaria o *“mente a mente”*. Portanto, segundo se depreende do que afirma, a comunicação *“mente a mente”* é válida, mas não exclusiva.

E um pouco mais à frente, Léon Denis explica:

[...] É precisamente nos fenômenos de incorporação que mais positiva se revela a identidade dos Espíritos, **quando o transe é profundo e completa a posse daqueles sobre o sensitivo. Por suas atitudes, seus gestos, suas alocações, o Espírito**

se mostra tal qual era aqui na Terra. Os que o conheceram durante sua existência humana o reconhecem em locuções familiares, em mil detalhes psicológicos que escapam à análise. ⁽⁵³⁾

De forma clara, vemos que quando “*é completa a posse daqueles sobre o sensitivo*”, efetivamente, se tem um processo de incorporação, bem longe de uma transmissão “*mente a mente*”.

Em relação à sua experiência pessoal, afirma que “*Pela inflexão da voz, pela linguagem e atitude, a personalidade invisível se revelava, antes de ter dado nome*” ⁽⁵⁴⁾

Interessante também é sua análise sobre o papel do cérebro:

No transe, a entidade psíquica, a alma, se revela por distinta atividade do funcionamento orgânico, por particular acuidade das faculdades. Quando é completa a exteriorização, o Espírito do médium pode agir sobre o corpo adormecido com mais eficácia que no estado de vigília e do mesmo modo que um Espírito estranho.
O cérebro não é então, como no estado normal, um instrumento movido

diretamente pela alma, mas um receptor que ela aciona de fora. ⁽⁵⁵⁾

Esse mecanismo talvez explique a capacidade de muitos médiuns reproduzirem fielmente tanto a voz quanto a caligrafia do desencarnado, além da inconsciência que frequentemente acompanha tais manifestações, oferecendo elementos que reforçam a hipótese da incorporação completa em determinados casos.

Nosso próximo personagem é **Cairbar Schutel** (1868-1938), que, em ***Médiuns e Mediunidades*** (1923), objetivamente, declara:

Na mediunidade falante verificam-se também **casos de incorporação: o Espírito do médium se afasta um tanto do seu organismo para dar lugar a outro Espírito, que se utiliza do corpo.** Neste caso, há sempre inconsciência do médium, porque ele cai em estado de transe. ⁽⁵⁶⁾

Com isso, Cairbar Schutel confirma de forma inequívoca a possibilidade da incorporação na

mediunidade falante.

Ernesto Bozzano (1862-1943), em **A Morte e os Seus Mistérios** (1930), ao comentar o caso II – relato que informa constar no livro de H. Dennis Bradley intitulado *The wisdom of the gods* (A sabedoria dos deuses) – argumenta:

No episódio exposto, a “transfiguração” do rosto se mostra menos desenvolvida que no caso precedente, limitando-se a uma transformação da expressão animada de um semblante, mas em compensação **há a transformação da tonalidade vocal, com perfeita reprodução da voz de uma defunta, transformação que representa um notabilíssimo fenômeno em demonstração da realidade da incorporação mediúnica ocorrida.** E, como uma laringe não pode mudar de tom sem ter experimentado uma correspondente contração muscular de adaptação, dever-se-á reconhecer que, no caso em apreço, a “transfiguração” se verificou de modo especial sobre a laringe do médium. Observo a tal respeito que, na hipótese de um real fenômeno de possessão mediúnica, dever-se-ia presumir que tais processos de transformação temporária dos órgãos dos médiuns nos órgãos homólogos do defunto comunicante são obra de um despertar

automático **daquela misteriosa “força organizadora” que plasma os seres vivos**, “força organizadora” que, sendo uma faculdade do espírito, sobreviveria à morte do corpo e, em consequência, operaria nos casos análogos aos expostos, determinando os fenômenos de transfiguração dos órgãos e dos membros dos médiuns, sem que necessário fosse pressupor uma ação direta, intencional, dos defuntos comunicantes. Ao mesmo tempo, **os automatismos de tal natureza, reprodutores da voz ou do rosto de um defunto, implicariam e demonstrariam a realidade do fenômeno da possessão ou incorporação temporária**, no médium, do espírito que se diz presente. ⁽⁵⁷⁾

A posição de Ernesto Bozzano é claramente favorável à incorporação, o que consideramos muito relevante, pois ele seguiu de forma rigorosa o método de investigação utilizado por Allan Kardec.

Entendemos que a *“transformação da tonalidade vocal, com perfeita reprodução da voz”*, ocorre apenas pela ação do Espírito sobre o



aparelho fonador do médium (⁵⁸). Não se trata de uma mera imitação, como tantas pessoas portadoras desse dom conseguem realizar.

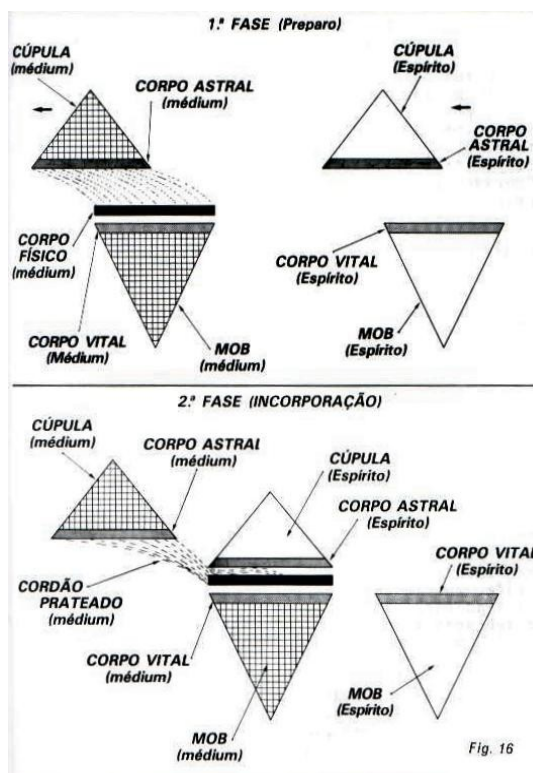
Outro estudioso que merece destaque é **Hernani Guimarães Andrade** (1913-2003) que, em ***Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio Sobre o Modelo Organizador Biológico*** (1984), ao estudar a questão das incorporações mediúnicas, obsessões e possessões, afirma:

Principiaremos com o mais comum e corriqueiro: a “incorporação mediúnica”. Na incorporação mediúnica, podemos distinguir várias graduações, se tomarmos por base os diferentes níveis de conservação de consciência e controle, por parte do médium, durante a comunicação dada pelo Espírito manifestante.

A “incorporação mediúnica” pode, também, distinguir-se por diversas modalidades de comunicação: psicofonia, psicografia, possessão parcial ou total das manifestações de habilidades não aprendidas tais como nos casos de psicopictografia, psicocirurgia, psicoescultura, psicomúsica, escrita automática incontrolável com xenografia, xenoglossia, múltipla personalidade,

transfiguração (esta última pertencendo também ao capítulo das ectoplasmas), etc.

O mecanismo da “incorporação mediúnica” é fácil de compreender. Ela pode principiar pela aproximação da entidade que deseja comunicar-se. Esta poderá eventualmente influenciar o “médium”, facilitando-lhe o “trase”. **O médium passa então a sofrer um desdobramento astral (OBE) e sua cúpula juntamente com o corpo astral deslocam-se parcial ou totalmente de maneira a permitir que a cúpula e o corpo astral do Espírito comunicante ocupe parcial ou totalmente o campo livre deixado pelo “corpo astral” do médium.** A incorporação é tanto mais perfeita quanto maior o espaço é cedido pelo astral do médium ao afastar-se do seu corpo físico, deixando lugar para a cúpula com o corpo astral do comunicador. Este - o Espírito comunicante - deverá sofrer um processo semelhante ao desdobramento astral, para permitir que sua cúpula e corpo astral possam justapor-se ao espaço livre deixado pelo médium (ver fig. 16).



Na figura 16 mostramos esquematicamente o mecanismo de uma incorporação mediúnica completa. Há casos em que a parte astral do médium se desloca só parcialmente, permitindo que apenas uma fração do astral do Espírito comunicador entre em contacto com a zona anímico-perispirítica daquele. Mesmo nestas condições pode haver comunicação, a qual poderá ser em parte direta e em parte telepática. Em semelhante circunstância há sempre possibilidade de controle das

comunicações, por parte do médium. Este poderá interferir no processo, ainda mesmo que totalmente afastado, pois a ligação com a sua zona anímico-perispirítica não cessa. Há sempre a presença do “cordão prateado” garantindo o domínio do próprio equipamento somático. ⁽⁵⁹⁾

Hernani Guimarães descreve que a incorporação pode assumir diversas modalidades de comunicação – psicofonia, psicografia, possessão parcial ou total, psicopictografia, psicocirurgia, psicoescultura, psicomúsica, xenoglossia, transfiguração, entre outras – mostrando amplitude do fenômeno.

O MOB – Modelo Organizador Biológico, que Hernani Guimarães apresenta na sua explicação de como acontece o fenômeno de incorporação, nos permite ter uma ideia do que, de fato ocorre nesses casos.

Na série André Luiz, psicografada por Chico Xavier (1910-2002), encontramos referências diretas ao fenômeno da incorporação em duas obras.

Em **Missionários da Luz** (1945), na qual tece

comentários sobre o fenômeno – capítulo “16 – Incorporação”, transcreveremos alguns trechos, que julgamos importantes, para o entendimento do tema.

Enquanto Alexandre ouvia em silêncio, o simpático colaborador prosseguiu, depois de ligeira pausa:

– Estimariamos receber a devida autorização para trazê-lo... **Poderia incorporar-se na organização mediúnica de nossa irmã** Otávia e fazer-se ouvir, de algum modo, diante dos amigos e familiares...

[...].

– Ouça, porém, meu amigo! – tornou Alexandre, sereno e enérgico – é indispensável que você medite sobre o acontecimento. **Lembre-se de que você vai utilizar um aparelho neuro-muscular que lhe não pertence.** Nossa amiga Otávia servirá de intermediária. No entanto, você não deve desconhecer as dificuldades de um médium para satisfazer a particularidades técnicas de identificação dos comunicantes, diante das exigências de nossos irmãos encarnados. Compreende bem?

[...].

Terminada a oração e levado a efeito o equilíbrio vibratório do ambiente, com a

cooperação de numerosos servidores de nosso plano, **Otávia foi cuidadosamente afastada do veículo físico, em sentido parcial, aproximando-se Dionísio, que também parcialmente começou a utilizar-se das possibilidades dela. Otávia mantinha-se a reduzida distância,** mas com poderes para retomar o corpo a qualquer momento num impulso próprio, guardando relativa consciência do que estava ocorrendo, **enquanto que Dionísio conseguia falar, de si mesmo, mobilizando, no entanto, potências que lhe não pertenciam e que deveria usar, cuidadosamente, sob o controle direto da proprietária legítima** e com a vigilância afetuosa de amigos e benfeitores, que lhe fiscalizavam a expressão com o olhar, de modo a mantê-lo em boa posição de equilíbrio emotivo. **Reconheci que o processo de incorporação comum era mais ou menos idêntico ao da enxertia da árvore frutífera.** A planta estranha revela suas características e oferece seus frutos particulares, mas a árvore enxertada não perde sua personalidade e prossegue operando em sua vitalidade própria. Ali também, **Dionísio era um elemento que aderiu às faculdades de Otávia, utilizando-as na produção de valores espirituais que lhe eram característicos,** mas naturalmente subordinado à médium, sem cujo crescimento mental, fortaleza e

receptividade, não poderia o comunicante revelar os caracteres de si mesmo, perante os assistentes. Por isso mesmo, logicamente, não era possível isolar, por completo, a influência de Otávia, vigilante. A casa física era seu templo, queurgia defender contra qualquer expressão desequilibrante, e nenhum de nós, os desencarnados presentes, tinha o direito de exigir-lhe maior afastamento, porquanto lhe competia guardar as suas potências fisiológicas e preservá-las contra o mal, perto de nós outros, ou à distância de nossa assistência afetiva. ⁽⁶⁰⁾

A segunda obra, desse autor espiritual, que aborda o tema é a ***Nos Domínios da Mediunidade*** (1955), da qual transcrevemos:

Quando empresta o veículo a entidades dementes ou sofredoras, reclama-nos cautela, porquanto **quase sempre deixa o corpo à mercê dos comunicantes,** quando lhe compete o dever de ajudar-nos na contenção deles, a fim de que o nosso tentame de fraternidade não lhe traga prejuízo à organização física. (falando do médium Antônio Carlos).

[...].

“... Entretanto, **adaptando-se ao**

organismo da mulher amada que passou a obsidiar, **nela encontrou novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados.** Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios orgânicos de vulto”.

[...].

“Notamos que **Eugênia-alma afastou-se do corpo**, mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, **o visitante** sentava-se rente, **inclinando-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela”.**

[...].

Observei que leves fios brilhantes ligavam a fronte de **Eugênia, desligada do veículo físico**, ao cérebro da entidade comunicante.

[...].

[...] mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de

auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado **a quem empresta o seu carro físico**, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência.

[...].

“[...] nesses trabalhos, **o médium nunca se mantém a longa distância do corpo...**”

[...].

Se preciso, **a nossa amiga poderá retomar o próprio corpo num átimo**. Acham-se ambos num consórcio momentâneo, em que **o comunicante é a ação**, mas no qual a médium personifica a vontade... ⁽⁶¹⁾

É interessante que alguma coisa dessas transcrições se assemelham à fala do Espírito que explicava como possuía o corpo físico da Senhora A..., na possessão citada na *Revista Espírita*.

Segundo nos parece de tudo aqui colocado, em se referindo à médium Eugênia, é apenas uma confirmação do que já foi dito antes, o que nos induz a aceitar, sem maiores reservas, a incorporação como uma realidade no fenômeno mediúnico.

Mais à frente, nessa mesma obra, vamos encontrar relatos ocorridos com uma outra médium, Dona Celina, dos quais reproduzimos:

A médium desvencilhou-se do corpo físico, como alguém que se entrega a sono profundo, e conduziu a aura brilhante de que corouava.

[...].

A nobre senhora fitou o desesperado visitante com manifesta simpatia e abriu-lhe os braços, **auxiliando-o a senhorear o veículo físico**, então em sombra.

Qual se fora atraído por vigoroso ímã, **o sofredor arrojou-se sobre a organização física da médium, colando-se a ela, instintivamente.**

[...].

A mediunidade falante em Celina era diversa?

[...].

- Celina - explicou, bondoso - é sonâmbula perfeita. **A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa.** A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos às entidades necessitadas de socorro e carinho, que **não**

tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, perdendo provisoriamente o contacto com os centros motores da vida cerebral. Sua posição medianímica é de extrema passividade. Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, na exteriorização da própria personalidade. Isso, porém, não indica que a nossa irmã deva estar ausente ou irresponsável. Junto do corpo que lhe pertence, age na condição de mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprime qual se fora frágil protegido de sua bondade... É por essa razão que o hóspede experimenta com rigor o domínio afetuoso da missionária que lhe dispensa amparo assistencial. ⁽⁶²⁾

Vê-se, portanto, a real incorporação dessa médium, comprovando-se então a hipótese que estamos estudando.

Logo na sequência, fala-se da possessão, que é objeto de estudo num capítulo específico do livro citado. Vejamos:

[...] A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão, sempre nociva, e

que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes.

[...].

Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluí que **o ataque epiléptico**, com toda a sua sintomatologia clássica, surgia claramente reconhecível.

[...].

Reconhecíamos no moço incapacidade de qualquer domínio sobre si mesmo.

Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus, informou, compadecido:

- É a possessão completa ou a epilepsia essencial.

- Nosso amigo está inconsciente? - aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito.

- Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal. Todas as suas células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. **Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de**

memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista. Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, **em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra,** de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências. ⁽⁶³⁾

Esses relatos reforçam, de forma inequívoca, que a incorporação é uma realidade observável, confirmada tanto na Codificação quanto pelas obras complementares, ainda que possa variar entre manifestações equilibradas e processos nocivos de possessão.

Um ponto que complica a questão aparece no mesmo livro, conforme se vê nestas duas frases: “... *precisamos considerar que a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos*” e “*Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expressem...*” ⁽⁶⁴⁾ Essa afirmação parece contradizer, salvo melhor juízo, os relatos de incorporação e obsessão descritos na obra, uma vez que nesses casos fica caracterizada a

posse do corpo do médium ou do obsediado, respectivamente.

Talvez haja um certo exagero em afirmar de forma absoluta que a mente está na base de todas as manifestações mediúnicas. Ou, quem sabe, o que se quis dizer é que essa base seria a mente do desencarnado que produz o fenômeno, e não necessariamente uma ligação “*mente a mente*” entre os envolvidos.

Presumimos que a ideia do autor espiritual esteja retificada em outra passagem, onde já não coloca as coisas de forma tão abrangente: “*Vimos aqui o fenômeno da perfeita assimilação de correntes mentais que preside habitualmente a **quase** todos os fatos mediúnicos*”. (65) Esse “quase” é decisivo, pois abre espaço para admitir a incorporação sem contrariar o restante da obra.

Em 1983, a **União Espírita Mineira - UEM** publicou o livreto **Mediunidade** da série *Evangelho e Espiritismo*, do qual transcrevemos:

08 - Qual a condição do médium na psicofonia consciente, na semiconsciente e

na inconsciente?

R. – Na psicofonia consciente o Espírito comunicante transmite, telepaticamente, às vezes, à distância, as suas ideias ao médium que as retrata com as suas próprias palavras. Na semiconsciente, o Espírito comunicante, através do perispírito do médium, entra em contato com este, atuando sobre o campo da fala e outros centros motores. **Na inconsciente, afasta-se o Espírito do médium do seu próprio corpo, que mais livremente é utilizado pelo comunicante.** Quando há inteira confiança entre ambos, é como se o médium entregasse um instrumento valioso nas mãos de um artista emérito que o valoriza. Se o comunicante é rebelde ou perverso, o médium, embora afastado, age na condição de um enfermeiro vigilante a controlar o doente. ⁽⁶⁶⁾

Embora não saibamos qual seja a posição oficial da UEM, a resposta sugere claramente o afastamento do Espírito do médium do seu próprio corpo, que passa a ser utilizado pelo comunicante. Salvo melhor juízo, trata-se de uma descrição compatível com o fenômeno da incorporação física.

Em 25 de junho de 1995, foi realização do 2º

Encontro Espírita sobra a mediunidade, com o tema “A mediunidade de incorporação”, patrocinado pelo Centro Espírita Léon Denis, sediado na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Na apostila “A mediunidade de incorporação” estão desenvolvidos os argumentos favoráveis à tese (⁶⁷).

Para ampliar a análise, buscamos também a opinião dos membros do GAE – Grupo de Apologética Espírita (⁶⁸). Das oito respostas recebidas, seis (75%) foram favoráveis à possibilidade de incorporação.

Observamos que, muitas vezes, a experiência pessoal norteia nossa opinião; por isso transcrevemos aqui a que nos deu **Maurício C. Pimenta**, um dos membros:

Oi, Paulo

Minha opinião é de um leigo que não fez nenhum estudo especializado sobre o tema. Meu pressuposto seria o de que o cérebro comanda tudo, ou melhor, o espírito (através do perispírito) comanda tudo a partir do cérebro, que é seu instrumento. Quando penso em mim mesmo, a impressão que tenho é que a sede de minha consciência estaria alojada

temporariamente no meu cérebro, muito provavelmente ligado à parte interna da nuca (quem sabe na glândula pineal...). É o que eu sinto no estado normal. Já no estado de desdobramento, percebo que essa sede de consciência se desloca para fora do meu corpo e aumentando consideravelmente o nível de percepção, a ponto de pensar estar numa espécie de universo paralelo independente do atual. Tomando essas percepções como base, minha suposição é a de que numa incorporação ocorra uma tomada dessa região do cérebro, ainda que temporariamente. Para isso, o incorporar seria necessariamente um alojar de outra consciência nessa parte do cérebro, de onde seja possível controlar o corpo físico. Isto seria diferente de apenas ficar “ao lado de”, enviando sugestões e permitindo que o próprio espírito que ali comanda cumpra essas sugestões, a nível consciente ou inconsciente (pensando que elas venham dele mesmo), o que chamaríamos de mediunidade intuitiva.

Em resumo, numa incorporação o espírito se alojaria temporariamente nessa parte do cérebro e daí assumiria o controle do corpo.

Abraços,

Maurício C. P.

Até que nos surja uma mais consistente,

concordamos com as colocações do colega, que traduzem de forma simples e lógica a hipótese da incorporação.

Não poderíamos deixar de citar uma informação que confirma o que dissemos no início desse ebook sobre a relação do termo *incorporação* com a Umbanda. Transcrevemos da obra ***Fundamentação da Ciência Espírita*** (2003), de autoria do **prof. Carlos Friedrich Loeffler** (?-):

Nos últimos anos, houve algum esforço de certos núcleos diretores do movimento espírita, no sentido de fazer uma “limpeza” no vocabulário largamente usado pelos profíctes da doutrina espírita. Resolveu-se banir o termo “incorporação” por achá-lo incorreto e repleto de influências umbandistas. Promoveu-se sua substituição pelo termo psicofonia.

É interessante o exame desta questão. Antes de qualquer coisa, **o termo incorporação não foi criado por umbandistas**, pois estes não têm nenhuma preocupação doutrinária, embora nos últimos anos tenha surgido alguma literatura unificadora. **O termo foi cunhado por espíritas.** É encontrado naturalmente nas

obras de Léon Denis, Gabriel Delanne e muitos outros vultos proeminentes. Obras mediúnicas, como as do espírito Manoel Philomeno de Miranda, na psicografia de Divaldo P. Franco, usam o termo. [...] (⁶⁹)

Isso confirma nossa suspeita: o termo deixou de ser usado não por razões doutrinárias, mas por puro preconceito, o que consideramos lamentável.

A divergência de opiniões, entre os vários autores espíritas é evidente: muitos rejeitam a incorporação, enquanto alguns a defendem. Essa mesma diversidade também se observa entre os próprios Espíritos comunicantes, é preciso ressaltar.

Deixamos propositalmente para o final deste capítulo a opinião do jornalista **José Herculano Pires** (1914-1979), pois nos pareceu muito singular. Analisando sua obra em que trata da vida do médium José Pedro de Freitas (1921-1971), mais conhecido como Zé Arigó, percebemos a existência de um conflito com o que afirmou em outra obra, a qual merece destaque.

Do capítulo “II – A mediunidade de Arigó”, de **Arigó: Vida, Mediunidade e Martírio** (1963)

transcrevemos o seguinte trecho:

Essas variações de graus da manifestação mediúnica aturdem os que não estão familiarizados com o problema. Alguns levantam suspeitas: “Estive com Arigó mas ele receitou por ele mesmo, não estava incorporado”. Isso nunca se verifica. Arigó é incapaz de receitar por ele mesmo. Tem o mais profundo respeito pelo seu guia espiritual. Só receita quando influenciado por ele, obedecendo às suas ordens. **No caso de operações a incorporação é evidente**, como acentuou o Dr. Laidlaw, de New York, num documento que publicamos adiante. Sua técnica operatória, que não segue as normas cirúrgicas habituais, é realizada com estranha segurança e admirável perícia. A anestesia do paciente é completa, sem que nada no ambiente demonstre a existência de fatores ou condições anestésicas. A assepsia também se realiza de maneira invisível, mas com precisão rigorosa. O fato espírita se impõe maciçamente, com evidência esmagadora. Fritz, eufórico, descobre os médicos que anonimamente entraram no recinto e faz questão de que venham assistir de perto o seu trabalho. Convida-os a participar das operações. Discute com eles os problemas do momento. Muitas vezes, antes de operar, força-os a diagnosticar e concorda ou discorda dos diagnósticos.

O caso mediúnico de Arigó se define como de incorporação mediúnica. Mas a **incorporação é apenas o pivô** de uma constelação de efeitos que se desencadeiam: a ação anestésica e a ação asséptica se realizam através da expansão de energias psicossomáticas do médium, sob a influência de entidades espirituais (os agentes-espirituais de que falava Geley); os efeitos-físicos (retenção do fluxo sanguíneo, desligamento de aderências internas, como no caso do lipoma do Dr. Puharich) e o aporte ou a materialização de objetos e líquidos (como o caso do algodão seco que o médium ergue no ar e volta embebido de líquidos estranhos, de efeito curador, caso ocorrido com Chico Xavier, o famoso médium de Uberaba, a quem Arigó atenuou as dores oculares por esse processo). Além desses efeitos materiais, verificam-se ainda os efeitos intelectuais da xenoglossia ou mediunidade poliglota, de percepção à distância com telediagnose. Também as curas à distância têm se verificado, o que mostra a possibilidade da telecinesia, fenômeno de ação à distância estudado amplamente pela Metapsíquica mas ainda em fase de investigação rudimentar pela Parapsicologia. As operações simpatéticas, sem ação física do médium, sem cortes cirúrgicos, tornam-se possíveis diante disso.

[...].

No que dissemos acima sobre a

mediunidade de incorporação, como pivô do complexo mediúnico de Arigó, devemos acrescentar uma observação, referente aos casos de materialização. **Há um momento em que a incorporação deixa de funcionar como pivô. Um momento raro, só de quando em quando verificado, em circunstâncias especiais, mas que não pode ser posto de lado na apreciação da mediunidade de Arigó.** É o momento em que o Dr. Fritz se materializa. Não se trata de materializações parciais ou de transportes de líquidos. Trata-se do fato dramático, tantas vezes demonstrado nas grandes experiências da Metapsíquica mas teimosamente rejeitado pelos negativistas: o fato da materialização total de um indivíduo humano, como se verificou com a própria mãe de Cesare Lombroso, na sua presença, através da mediunidade maravilhosa, exaltada e difamada de Eusápia Paladino. Fritz tem se materializado em algumas oportunidades, atestadas pelos íntimos de Arigó, pelas pessoas que partilham mais de perto dos seus exaustivos trabalhos.

Nesses momentos Arigó cai em transe mediúnico, **perde a consciência do que se passa em seu redor. Aliás, a perda de consciência se verifica também nas incorporações para operações.** Esse fenômeno, comum aos dois estados de transe: o de incorporação e o de materialização, mostra que esses dois

estados são autônomos. **Quando se dá a materialização, Fritz não está nem poderia estar incorporado.** Ele age sobre o médium, auxiliado pela sua equipe de trabalho espiritual, provocando a emanção do ectoplasma e o desdobramento do médium. A seguir, servindo-se da afinidade psíquica com o duplo mediúnico, estabelece as ligações vibratórias necessárias e reveste-se da matéria ectoplásmica. Torna-se então visível e palpável. Objetiva-se. ⁽⁷⁰⁾

A nosso ver, sem maiores dificuldades, Herculano Pires aceita a incorporação para o caso da mediunidade de Zé Arigó.

Entretanto, na obra **Mediunidade (Vida e Comunicação)** publicada em 1978 – quinze anos depois da anterior –, demonstra não aceitá-la. Do capítulo “V – O ato mediúnico”, transcrevemos o primeiro parágrafo:

O ato mediúnico é o momento em que o espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psico-afetiva da comunicação. **O espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais.** Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do

médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. **Realiza-se a fusão fluídica.** Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. Cada um assimila um pouco do outro. Uma percepção visual desse momento comove o vidente que tem a ventura de captá-la. **As irradiações perispirituais projetam sobre o rosto do médium a máscara transparente do espírito.** Compreende-se então o sentido profundo da palavra intermúndio. Ali estão, fundidos e ao mesmo tempo distintos, o semblante radioso do espírito e o semblante humano do médium, iluminado pelo suave clarão da realidade espiritual. **Essa superposição de planos dá aos videntes a impressão de que o espírito comunicante se incorpora no médium. Daí a errônea denominação de incorporação para as manifestações orais. O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica,** como a da luz atravessando uma vidraça. Ligados os centros vitais de ambos, o espírito se manifesta emocionado, reintegrando-se nas sensações da vida terrena, sem sentir o peso da carne. O médium, por sua vez, experimenta a leveza do espírito, sem perder a consciência de sua natureza carnal, e fala ao sopro do espírito, como um intérprete que não se dá ao trabalho da tradução. ⁽⁷¹⁾

A tese levantada por Herculano Pires, na qual nega a incorporação, revela-se curiosa. Entretanto, por não citar nenhuma fonte, entendemos tratar-se apenas uma opinião pessoal, que conflita com a sua percepção na obra anterior. Consideramos esse ponto um conflito, pois é mais comum que alguém inicialmente não aceite a incorporação e, depois, passe a aceitá-la, do que o contrário.

Conclusão

Ao analisarmos o percurso histórico do Espiritismo no Brasil, percebemos que nos primeiros tempos o vocábulo *incorporação* era comumente utilizado para designar o fenômeno da psicofonia. Como esse mesmo termo era empregado pelos umbandistas para se referirem aos seus médiuns, isso gerou certo incômodo entre os chamados “kardecistas” – tão forte que levou à tentativa de expurgá-lo, numa busca por preservar o que consideravam o “puro” Espiritismo, evitando qualquer associação com a Umbanda.

É importante destacar que não fazemos nenhuma distinção depreciativa entre os que seguem essa ou aquela vertente espiritualista. Registramos isso para evitar acusações infundadas de preconceito. O fato de diferentes tradições espirituais utilizarem termos semelhantes não significa que sejam idênticas em essência. Cada segmento espiritualista age conforme seus princípios

e compreensões, e todos merecem respeito.

Para ampliar a reflexão, lembramos também o livro *Possessão Espiritual*, de Edith Fiore, doutora em Psicologia pela Universidade de Miami. Nele, a autora narra experiências realizadas com seus pacientes submetendo-os a hipnose e defende a hipótese da possessão – no sentido literal –, informando que 70% dos mais de quinhentos pacientes estudados em sua pesquisa apresentavam esse quadro ⁽⁷²⁾.

Em experiência pessoal, acompanhamos uma jovem que relatava se sentir compelida por uma força alheia à sua vontade, levando-a a tentativas de suicídio.

Na última, acabou por pular de uma laje de uma casa. Fomos visitá-la no hospital. Ela nos contou que não era a primeira vez: anteriormente, por duas vezes, havia tentado tirar a própria vida cortando os próprios pulsos.

Esse caso nos parece ilustrar mais adequadamente a hipótese da possessão física do que a explicação do “*mente a mente*” – contrária à incorporação. A jovem, embora pressionada pelo

Espírito, permanecia em plena consciência de si, mas incapaz de controlar o próprio corpo. A explicação mais plausível é que seu Espírito tenha se afastado momentaneamente do corpo, mantendo na dimensão espiritual sua lucidez, o que lhe permitiu, de algum modo, trazer à memória física o ocorrido.

Concluimos, portanto, que embora existam casos em que a comunicação “*mente a mente*” se aplica de forma adequada, há também situações em que a incorporação física se apresenta como realidade concreta, confirmada por relatos, estudos e experiências práticas.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, H. G. ***Espírito, Perispírito e Alma : Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico***. São Paulo: Pensamento, 2002.
- BOZZANO, E. ***A Morte e os Seus Mistérios***. Rio de Janeiro: Editora Eco, s/d.
- CENTRO ESPÍRITA LUZ ETERNA. ***COEM - Centro de Orientação e Educação Mediúnica (apostila)***. Curitiba (PF), 2017.
- CERVIÑO, J. ***Além do Inconsciente***. Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- DELANNE, G. ***As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos, Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos***. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2023.
- DELANNE, G. ***O Fenômeno Espírita***. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- DENIS, L. ***No Invisível***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- IORE, E. ***Possessão Espiritual***. São Paulo: Pensamento, 1990.
- GIBIER, P. ***O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)***. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- GELEY, G. ***Resumo da Doutrina Espírita***. São Paulo: Lake, 2009.

- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras, SP: IDE, 2001.
- LOEFFLER, C. F. **Fundamentação da Ciência Espírita**. Niterói, RJ: Lachâtre, 2003.
- LOMBROSO, C. **Hipnotismo e Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- PIRES, J. H. **Arigó: Vida, Mediunidade e Martírio**. Edição Digitalizada: Portal Luz Espírita; Autores Espíritas Clássicos, 2020.
- PIRES, J. H. **Mediunidade (Vida e Comunicação)**. São Paulo: Edicel, 1987;
- RICHET, C. **Tratado de Metapsíquica - Tomo I**. São Paulo: Lake, 2008.
- SCHUTEL, C. **Médiuns e Mediunidades**. Matão, SP: O Clarim, 1984.
- TEIXEIRA, J. R. **Desafios da Mediunidade**. Niterói, RJ: Fráter, 2012.
- UEM – União Espírita Mineira. **Mediunidade**. Belo Horizonte: UEM, 1983.

XAVIER, F. C. ***Missionários da Luz***. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. ***Nos Domínios da Mediunidade***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Imagem

CAPA: Montagem da capa editada por Elkeane Aragão @Elkefiz, usando ilustrações geradas por IA em Microsoft Copilot. Acesso em: 9 nov. 2025.

Internet

CELD, *A mediunidade de incorporação*, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/619288343/A-Mediunidade-de-Incorporacao-Centro-Espirita-Leon-Denis>. Acesso em: 03 jan. 2025.

FEB, *Jayme Cerviño*, disponível em: <https://www.febeditora.com.br/custom.asp?arq=autores/JaymeCervino.html>. Acesso em: 30 dez. 2025.

FRANCO, D. P. *Programa Transição 001 – Mediunidade*. Out/2008, disponível em: http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/pograma-transicao-001-mediunidade-video_5955d7952.html, acesso em 11.01.2013, às 07:22hs.

MUNDO ESPÍRITA (FEP), *Divaldo Franco e Raul Teixeira*, disponível em: <https://www.mundoespirita.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Divaldo-e-Raul-R.jpg-SITE.jpg>. Acesso em: 16 nov. 2025.

MÚSICA SACRA E ADORAÇÃO, *Fisiologia da voz*, link: https://musicaeadoracao.com.br/wp-content/uploads/2012/07/aparelho_fonador.jpg. Acesso em: 17 abr. 2024.

PORTAL DO ESPÍRITO, *Incorporação*, disponível em: <http://portalespirito.com/doutrina/letra-i.htm>. Acesso em: 23 jun. 2008.

PORTAL DO ESPÍRITO, *Possessão*, disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-004.html>. Acesso em: 23 jun. 2008.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Mediunidade: a base é o médium “receber e transmitir”?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/mediunidade-a-base-e-o-medium-receber-e-transmitir>. Acesso em: 25 nov. 2025.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>. Acesso em: 25 nov. 2025.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Sr. Morin, médium de incorporação na Sociedade Espírita de Paris*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/sr-morin-medium-de-incorporacao-na-sociedade-espirita-de-paris>. Acesso em: 25 nov. 2025.

(Esse texto, na versão original, com o título “*Incorporação por Espíritos*”, foi publicado, em três partes, pela Mythos Editora na revista ***Espiritismo & Ciência***, nas seguintes edições: nº 70 de maio/2009, p. 6-10; nº 71 de junho/2009, p. 14-18 e nº 72 de julho/2009, p. 6-9).

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em*

Kardec?; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*; 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta*; 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?*; 11) *A Mulher na Bíblia*; 12) *Todos Nós Somos Médiuns?*; 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas*; 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito*; 15) *Allan Kardec e a lógica da reencarnação*; 16) *O Fim dos Tempos Está Próximo?*; 17) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves*; 18) *Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*; 19) *A Aura e os Chakras no Espiritismo*; 20) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?*; 21) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida*; 22) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 23) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 24) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma*; 25) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina*; 26) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*; 27) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas*; 28) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 29) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 30) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; 31) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita*; 32) *Allan Kardec: sua mediunidade e os fenômenos que protagonizou* e 33) *A pesquisa de Ernesto Bozzano confirma e complementa a Codificação Espírita.*

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- ¹ SILVA NETO SOBRINHO, *Mediunidade: a base é o médium “receber e transmitir”?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/mediunidade-a-base-e-o-medium-receber-e-transmitir>
- ² KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 120.
- ³ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 57.
- ⁴ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 184.
- ⁵ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 174.
- ⁶ DELANNE, *As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos – Tomo I: Os fantasmas dos vivos*, p. 262.
- ⁷ O Consolador – Vocabulário, *Incorporação*, disponível em: <https://www.oconsolador.com.br/linkfixo/vocabulario/principal.html#-%20I%20->
- ⁸ CENTRO ESPÍRITA LUZ ETERNA, *COEM – Centro de Orientação e Educação Mediúnica (apostila)*, p. 165.
- ⁹ KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 233.
- ¹⁰ KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 234.
- ¹¹ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 262.
- ¹² KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 172.
- ¹³ SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>
- ¹⁴ KARDEC, *A Gênese*, p. 255-256.
- ¹⁵ KARDEC, *A Gênese*, p. 260.
- ¹⁶ KARDEC, *A Gênese*, p. 260-261.

- ¹⁷ SILVA NETO SOBRINHO, *Sr. Morin, médium de incorporação na Sociedade Espírita de Paris*, link: <https://paulosnetos.net/article/sr-morin-medium-de-incorporacao-na-sociedade-espirita-de-paris>
- ¹⁸ KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 49-50.
- ¹⁹ KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 216-217.
- ²⁰ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 178.
- ²¹ Letargia: Estado de inconsciência que se assemelha ao sono profundo. (Dicio, link: dicio.com.br/letargia)
- ²² Ver item 173 de *O Livro dos Médiuns*, que narra o caso de um jovem que era assistido por um espírito designado de “*anjo doutor*” (p. 179).
- ²³ Nossa dedução deste trecho do item 172 de *O Livro dos Médiuns*: “[...] Mas o Espírito que se comunica com um médium comum também pode fazê-lo com um sonâmbulo; aliás, o estado de emancipação da alma provocada pelo sonambulismo facilita essa comunicação.” (p. 179)
- ²⁴ KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 233.
- ²⁵ KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.
- ²⁶ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 262.
- ²⁷ PORTAL DO ESPÍRITO, *Perguntas*, disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-004.html>
- ²⁸ MUNDO ESPÍRITA (FEP), *Divaldo Franco e Raul Teixeira*, disponível em: <https://www.mundoespirita.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Divaldo-e-Raul-R.jpg-SITE.jpg>
- ²⁹ TEIXEIRA, *Desafios da Mediunidade*, p. 47.
- ³⁰ MUNDO ESPÍRITA (FEP), *Divaldo Franco e Raul Teixeira*, disponível em: <https://www.mundoespirita.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Divaldo-e-Raul-R.jpg-SITE.jpg>

- ³¹ FRANCO, Programa Transição 001 – Mediunidade. Out/2008, disponível em:
http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/programa-transicao-001-mediunidade-video_5955d7952.html, trecho 19’ 20’’ a 20’ 25’’.
- ³² FEB, Jayme Cerviño, disponível em:
<https://www.febeditora.com.br/custom.asp?arq=autores/JaymeCervino.html>
- ³³ CERVIÑO, *Além do Inconsciente*, p. 131.
- ³⁴ SILVA NETO SOBRINHO, *Mediunidade: a base é o médium “receber e transmitir”?*, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/mediunidade-a-base-e-o-medium-receber-e-transmitir>
- ³⁵ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 19.
- ³⁶ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 159.
- ³⁷ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 167.
- ³⁸ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 184.
- ³⁹ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 174-175.
- ⁴⁰ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 184.
- ⁴¹ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 193-194.
- ⁴² KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 226-227.
- ⁴³ KARDEC, *A Gênese*, p. 223.
- ⁴⁴ KARDEC, *A Gênese*, p. 255-256.
- ⁴⁵ É bom esclarecer que isso não é um procedimento padrão que ocorre em todas as casas de Umbandas.
- ⁴⁶ RICHET, *Tratado de Metapsíquica*, p. 312.
- ⁴⁷ GIBIER, *O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)*, p. 117.
- ⁴⁸ DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 105.

- ⁴⁹ GELEY, *Resumo da Doutrina Espírita*, p. 54-55.
- ⁵⁰ DENIS, *No Invisível*, p. 31.
- ⁵¹ DENIS, *No Invisível*, p. 249.
- ⁵² DENIS, *No Invisível*, p. 252-254.
- ⁵³ DENIS, *No Invisível*, p. 268.
- ⁵⁴ DENIS, *No Invisível*, p. 269.
- ⁵⁵ DENIS, *No Invisível*, p. 272.
- ⁵⁶ SCHUTEL, *Médiuns e Mediunidades*, p. 37.
- ⁵⁷ BOZZANO, *A Morte e os Seus Mistérios*, p. 13-14.
- ⁵⁸ MÚSICA SACRA E ADORAÇÃO, *Fisiologia da voz*, link: https://musicaeadoracao.com.br/wp-content/uploads/2012/07/aparelho_fonador.jpg
- ⁵⁹ ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma*, p. 121-124.
- ⁶⁰ XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 260-277, *passim*.
- ⁶¹ XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 28-56, *passim*.
- ⁶² XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 69-74, *passim*.
- ⁶³ XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 75-80, *passim*.
- ⁶⁴ XAVIER, *Nos Domínio da Mediunidade*, p. 15 e 18, *respectivamente*
- ⁶⁵ XAVIER, *Nos Domínio da Mediunidade*, p. 49.
- ⁶⁶ UEM, *Mediunidade*, p. 52.
- ⁶⁷ CELD, *A mediunidade de incorporação*, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/619288343/A-Mediunidade-de-Incorporacao-Centro-Espirita-Leon-Denis>
- ⁶⁸ Link: www.apologiaespirita.org
- ⁶⁹ LOEFFLER, *Fundamentação da Ciência Espírita*, p. 274.
- ⁷⁰ PIRES, *Arigó: Vida, Mediunidade e Martírio*, p. 31-36.

⁷¹ PIRES, *Mediunidade (Vida e Comunicação)*, p. 37.

⁷² FIORE, *Possessão Espiritual*, p. 15.